

# DOIS CONTOS INÉDITOS DE MARIA ELSA DA ROCHA

RECOLHA, INTRODUÇÃO E NOTAS DE PAUL MELO E CASTRO (UNIVERSIDADE DE GLASGOW)

Maria Elsa da Rocha (1924-2007) foi uma das mais prolíficas contistas goesas de língua portuguesa do período pós-1961. Teve larga produção no jornal *A Vida* de Margão, onde chegou a editar uma secção cultural, até que o periódico se transformasse em 1967 no diário concaním *Divtti*. Uma coletânea dos seus contos, intitulada *Vivências partilhadas*, foi lançada em 2005. Os dois contos inéditos que aqui apresentamos exemplificam alguns dos paradoxos transversais à sua obra e que espelham bem a sensibilidade ambígua de uma certa elite intelectual de Goa: a sua profunda empatia pelas camadas subalternas do seu torrão natal, em contraste com uma visão conservadora acerca da sociedade altamente hierarquizada a que pertencia; uma perspetiva de certa forma pós-colonializante, crítica do regime anterior e muitas vezes eivada de nacionalismo indiano, mas justaposta a um mundo de referências decorrentes do encontro colonial, profundamente arraigado na cultura indo-portuguesa, e um tom algo saudoso vis-à-vis dos tempos que já lá foram.

Em “Um caso de incúria profissional?”, a voz narrativa oscila entre uma visão crítica do magistrado metropolitano bêbedo e deslocado e uma estranha afeição por essa figura e o seu comportamento inconstante. No fundo, o que o conto representa é uma situação de intimidade colonial, o relacionamento entre figuras numa situação assimétrica de poder. Tal como em outros contos da autora, o mundo é visionado pela ótica de um simpático hindu, Xencor, a sua condição ressaltada pela incapacidade de pronunciar o ditongo na palavra ‘juiz’, um ato de se imaginar no lugar do outro por parte da autora, combinado de forma complexa com uma certa atitude até orientalista.

Já “Janela aberta” revisita um evento-chave na história recente de Goa, evento de pouco relevo em debates em língua portuguesa, pelo simples facto de se

ter passado num momento em que esse idioma deixara praticamente de ter expressão social no território: o *Opinion Poll*, de 1967, a única vez em que o povo goês se aproximou de autodeterminar o estatuto político do território. Esse referendo (o único na história da Índia independente) visou saber se a população queria: a) continuar como um *union territory* dentro da Índia (estatuto aquém de ser um estado de pleno direito, que Goa só iria alcançar em 1987) ou b) fundir-se (do verbo *merge* em inglês, vocábulo referenciado no texto) ao estado vizinho de Maharashtra. A primeira opção, simbolizada por duas folhas, foi defendida pelo United Goans Party (UGP, representando católicos e hindus da elite), enquanto a segunda, representada por uma flor, foi promovida pela MGP (Mahastrawadi Gomantak Party, ou seja “Partido de Goa Maharastriana”, no poder em Goa continuamente entre 1963 e 1979, com base eleitoral nas castas hindus desfavorecidas). A primeira opção acabaria por vencer, mas com a estreita margem de 54% dos votos, mostrando o quanto a própria ideia de Goa – mesmo sem ser “dourada” – é aberta à contestação.

Nesse conto, sobre o pano de fundo deste referendo, vemos outras relações de intimidade, desta vez familiar e amical, e outro retrato empático de um hindu. Desta vez, a jovem Geerza, com a sua alegre atitude face ao declínio social dos vizinhos aristocratas católicos e seu deslumbramento pelas berrantes casas de hindus novos ricos (uma até com bailéu em forma de cabeça de leão), mas amor pela vizinha Lilian (em cujo nome Geerza vê uma “deturpação” do nome indiano Lalan), em tudo parecida com ela menos na fé religiosa. O conto começa com a visão negativa da jovem sobre a “ruim velha” da casa grande, “fona” e jactante, mas evolui até que o leitor possa ver nesta idosa mulher alguém, tal como Geerza, cujos defeitos (e desvios políticos) são redimíveis pela bondade do coração.

Para melhor entendimento dos textos, inclui notas relativas, sobretudo, às palavras e expressões em concaním.

## Um caso de incúria profissional?

MARIA ELSA DA ROCHA

Ele ficara obrigado a ter a mais peculiar ocupação na sua vida! Foi questão de sorte, *vhell*, como se diz em vernáculo, e pensar que ele, Xencor Alorneçar, tirara o primeiro ciclo do Liceu com distinção na matemática... Sim, pá. A vida era mesmo assim, pedras pontiagudas por debaixo de uns pés, tapete de veludo por debaixo de outros. A ocupação do Xencor? Ora, já tinha sido oficial de diligências no cassabé<sup>1</sup> de Bicholim, porém agora era olhar por um magistrado, íntegro no alto posto que ocupava no tribunal de Relação de Goa mas um tanto relaxado em chegando com o *whisky*... Podia-se até dizer uma esponja cá no Clube Vasco da Gama! Já tinha visto o meritíssimo de bochechas flácidas, solilocando, gesticulando, provocando quantos estivessem ao seu alcance ou, mais das vezes, apostrofando anónimo: ‘aquele *canarim* a dar-me lições: Leite de Vasconcelos,<sup>2</sup> citando Leite de Vasconcelos... Irra!’. Aliás aprumo e competência dignos de um magistrado tinha-os ele de sobra! Um *gentleman* no convívio social, dizia-se. No Tribunal quando se reuniam em conselho suas apostrofes eram navalhas de ponta e mola que deixavam os colegas complexados e mal-humorados. Isso no Tribunal, mas no Clube? Após 9 horas *post meridiem*: “ó Barreto, não vês que o meu copo está vazio, homem...” “Já lá vou Dr. Juiz, já lá vou”, dizia pressuroso o fiscal do Clube, Barreto, aproximando-se com a garrafa e o sifão. É quando Xencor entrava em cena, fazia um sinalzinho ao Barreto para retroceder. Tinha liberdade, tinha liberdade ele, Xencor, de tirar o copo de à frente do juiz e ir pô-lo no balcão do bar, em seguida entregar ao meritíssimo a sua bengalinha com cabo de prata lavrada figurando um capacete com três borlas.... Dizia-se que o juiz era um titular, um visconde e aquilo de cabo de bengalinha estava ligado às insígnias do condado... Quem sabe! Ao Xencor, francamente, não interessava nada daquilo. Interessavam, sim, as trinta rupias que o juiz lhe dava ao fim do mês pelo trabalho de pôr um travão aos seus copos de uísque lá no Clube, assim o magistrado era entregue inteirinho à governanta Quitéria, já de cabelos grisa-

1 Recebedoria de rendas miúdas, na antiga Índia Portuguesa.

2 Dr José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo português. A ideia aqui seria o desconforto causado pelo colonizado instruído lançar mão de um saber “sobre” os portugueses.

lhos que o acolhia maternal... Quitéria sabia que o seu amo, o juiz, nem sequer se agregava à mesa do governador do distrito. Não, isso nunca! Ele lho tinha dito quando ela lhe servia o jantar que gostava de se assentar na sacada da última janela do Clube, protegido do lado de dentro por um biombo de que ele gostaria mandar fazer uma réplica... Era um pavão com embutidos de madrepérola! “Sabes, ó Quitéria? Eu gosto de assentar-me lá, olhar o Mandovi onde ficam ancorados aqueles *patmarins*.<sup>3</sup> É muito parecido com Belém, sabes?” Depois deste desabafo nostálgico do amo, era mesmo a Quitéria que às vezes puxava de conversa para o juiz não se sentir sozinho na Índia.

À mesa de jantar: “Senhor, um pouco mais de pescada? Faz-se só lá em Portugal?”

“Essa pescada cozinhaste como?”

“À indiana, senhor!”

“Hum... Está boa...” Quitéria já tinha aberto a válvula de escape de nostalgia e saudade...

“Sabe Quitéria, a minha casa em Belém é muito grande, balcões com alto-relevo, pilares lisos... tijolo de mármore polido... Há disso em Goa?”

“Com certeza que há Senhor! A casa do meu *batcar*,<sup>4</sup> em Chandor é mesmo grande demais e cheia de coisas.”

“Já sei, já me falaram nela...” Porém, na mente do magistrado, lá ficava bailando o seu Belém, até quando se assentava na marquise, ouvindo as carruagens regressarem às cavaliças. Doutro lado o farol, os *patmarins* com seus lampiões acesos, era mesmo um prolongamento de Belém? A saudade de antanho de caravelas e batalhões fazia ligar Goa a Belém numa continuidade de um veio de água cristalina enquanto sorvia o seu café de moca nessa ambiência grandiloqua.

Em chegando a sábado, quando Xencor pontual lhe ia tirar do calhamaço, invariavelmente o juiz lhe perguntaria:

“Ó Xencor, a que horas me fizeste regressar do Clube?”

“Às nove e quinze.”

“Tiveste muito trabalho para me arrancar dali?”

3 Barcos artesanais goeses.

4 Proprietário rural, neste caso, certamente a família Menezes Bragança.

Xencor sorria... Trabalho? Foi uma cena de pugilismo, sozinho, ele, Xencor lutando com um recalitrante juiz que se recusava a ficar de pé

“Diz lá, tiveste trabalho?”

“Não Dr. *Juviz*...” mentia Xencor

Aquilo de *juviz* em vez de juiz, queria o magistrado, muito, pôr em ordem, mas o Xencor elucidara, num ar de filólogo consumado.

“Doutor. V. Ex.<sup>a</sup> me desculpe, mas a glote do hindu não pode pronunciar duas vogais ao mesmo tempo.” O juiz apanhara aquilo de surpresa e desistira de aprofundar o assunto, sentenciando na sua mente: veleidades da língua.

“Olha Xencor de forma alguma deves permitir eu ficar no Clube para além das nove!”

“Sim Dr. *Juviz*!”

“De forma alguma. É para isso que te pago, não é?”

“É, Dr. *Juviz*!”

Portanto Xencor cumpria o ritual semanal no Clube Vasco da Gama que era o seguinte: acompanhava o juiz até ao Clube, puxava de uma determinada cadeira, trazia-a até a última sacada. Acondicionava a bengalinha e ia ao outro extremo à primeira sacada donde podia ver o relógio do bar por cima das bojudas prateleiras, ao mesmo tempo que a noite caía sobre a cidade sonolenta: até nove horas no relógio!

Nove horas no relógio da parede e, dum salto, e longas passadas, Xencor plantava-se junto do meritíssimo.

“Porque estás aqui?” indagava o juiz, agarrando possessivo o copo meio cheio do líquido ambarino.

“Estamos na hora Dr. *Juviz*!”

“Vai, homem, vai para o teu sítio. Não estou em tempo, nada maluco! São apenas oito horas se calhar!”

“São nove e cinco Dr. *Juviz*. Há uma hora e cinco eram oito!” Falava com a calma peculiar ao oriental. Enquanto mentalizava-se para a cena de pugilismo que acaso fosse preciso performar...

“Cala-te lorpa! Barreto, leva daqui este homem!”

“Nada, Dr. *Juviz*! V. Ex.<sup>a</sup>. me desculpe e queira ter a bondade de se pôr em pé.”

“Quê? Que queres dizer? Quem és tu para me ditares ordens? Não sejas parvo, Xencor, deixa-me sossegado, vai p’ra o teu sítio.” Xencor persistia, o juiz se irritava batendo com os pés calçados no soalho fazendo vibrar o Clube inteiro.

Geralmente nesta altura Xencor fingia uma atitude indiferente e, quando menos esperava o magistrado, com um resoluto xeque-mate tirava-lhe o copo da frente, guindando-o com a outra mão e pondo-o de pé. Do topo da escadaria, chamava pelo cocheiro Moulá. Escoltado por ambos o juiz descia as escadas e se metia na carruagem lançando em calão um rosário de palavras obscenas ao Xencor, coitado, qual herói sem medalha ao lado de cocheiro.

“Bastardo, filho ilegítimo do *both* de Podval! Pensas que eu não sei?” A noite maravilhosa mudava de panos de fundo, actuando como um antídoto no espírito contrariado do magistrado. A carruagem rodava na larga avenida do Campal. As águas do Mandovi batiam no quebra-mar na cadência de um fado de Mouraria.

Como era aquilo “poço de Jacob”...?

Como era aquilo...? Aquilo das festas de La Salette: Poço de Jacob. Neste mundo que Jesus...<sup>5</sup> O juiz relembrou o fado, os aplausos... O Monumental... O grupo de capas negras... Agora, com o espírito já anuviado, magicava no encanto de uma noite em Pangim... A carruagem rodando levantaria nuvens de pó que ficariam suspensas no ar como poalha de bronze. Em chegando à residência, apeava-se absolutamente em forma, depois seguir-se-ia ao jantar o café da moca servido na marquise. Tudo na mesma até o outro Sábado...

Sábado... Xencor ajustou a *tapi*<sup>6</sup> de fazenda cheviote. Calçava sapatos com meias a meia perna e um *pudivém*<sup>7</sup> imaculado. Lá para Xencor ele estaria mais à vontade em chinelos género pantufas, mas o juiz negara permissão para tal, elucidando: “Não queres ser gente, Xencor Alornecar... Não queres ser gente?” Xencor tinha suas dúvidas quanto ao que era ser gente, mas acatou as ordens.

Ajeitou o casaco de linho francês, quando meteu a mão na algibeira achou um papelinho com o nome de um astrólogo de Além-Gates, um *vasishtha*<sup>8</sup> em pessoa dizia-se. Resolveu consultar o astrólogo nessa mesma tarde. Depois iria buscar o juiz. Tinham-no informado que o astrólogo se assentava na esplanada do Cais de Gujires. Xencor rumou daquele lado. Achou-o: de torso nu, a testa resplandecendo com linhas de tinta sagrada mais o vermelhão até mesmo no peito. Verdade é que seus olhos mandavam palhetas de aço até naquele esplên-

5 Referência ao fado de Coimbra “A Samaritana” de Álvaro Cabral. Refere o episódio da samaritana que a Jesus pediu de beber.

6 Boné típico dos hindus.

7 Pano que os hindus enrolam à volta dos quadris como saiote.

8 Rishi védico a quem muitos hinos são dedicados.

doroso ocaso dos lados de Gaspar Dias. Xencor saudou-o e acocorou-se à sua frente com real dano às abas do seu casaco de linho francês. Pôs o astrólogo ao facto dos seus problemas num concanim maratizado. Falou, falou... Botou fora tudo o que o sufocava. A suspensão do lugar de oficial de diligência, a longa espera pela revisão do processo de suspensão. Quem teria feito desaparecer aquele processo do Rane de Mulgão? Ele, Xencor, não podendo viver em Bicholim. O Rane rangendo dentes sempre que o via, o *muddassó*<sup>9</sup> grandioso do Rane, como Sonsogod<sup>10</sup> de Satari metendo medo a ele, Xencor, reduzindo-o a pó da estrada... Afinal uma pessoa boa, esposa do delegado do procurador da República. Não sabia como dizer aquilo em marata, disse *vakil*,<sup>11</sup> esposa do *vakil* arranjou-lhe uma achega em Panjim. *Devá!* Suspirou fundo. Falaria por 20 minutos sem ser interrompido pelo astrólogo que ficara estudando sua palma de mão enquanto ele se expurgava dos insucessos na vida. Onde estava aquela peça, o processo, se aquilo aparecesse seria integrado e receberia todos os vencimentos em atraso. Onde estava? Agora o astrólogo, com maneirismos que lhes são peculiares largou a palma da mão do Xencor, falou: “com o Saturno na posição em que está o que quer você? Os problemas são devido ao seu temperamento... Como podia você ser doutra forma estando o Saturno onde está?”

“A sua solução vai ser Vénus... Está ascendente desde hoje... Procure não contrariar ninguém... Nem por palavras nem por obras... O melhor é não falar mesmo... Não fale nem que seja confrontado e aquilo de *dekhpatr*, processo...”. Jogou búzios, que aí tinha sobre um quadrado de pano com um desenho místico no centro, fechou os olhos balbuciando algo, como se estivesse em transe: “Agni... Agni...Agni...” “Em sânscrito?” pensou Xencor. Quem sabe! Tinha os lábios vermelhos.

Pronto! Abriu os olhos e disse iluminado:

“*Dekhpatr*<sup>12</sup> há-de ser achado... Uma mão branca passou sobre ele...”

Xencor de um pulo pôs-se pé. Ululava com perguntas:

“*Ahn* quê? Onde está? Hei-de apanhar? Quando?” O astrólogo nas calmas punha a sua parafernália no saquinho. Tinha dado por finda a consulta. “Outro!”

9 Grande turbante usado pelos ranes.

10 O pico mais alto de Goa, de 1027 metros de altura.

11 “Advogado” em marata.

12 O processo (em marata).

Xencor deu-lhe as quatro tangas estipuladas e a longas passadas marchou para a casa do juiz, desta vez, graças ao astrólogo, uma luzinha brilhando na chateza da sua vida.

Já no Clube o ritual de sempre.

Ouviu do seu poiso o magistrado gritar:

“O Barreto, chega-te cá homem.” Xencor olhou o relógio da parede. “*Devá, Devá* nove horas!” Como uma flecha atravessou o salão e plantou-se junto do magistrado.

“Uff... Que há? Porquê estás aqui?”

Não respondeu. O astrólogo dissera...

“O que há homem? Não tens coragem para dizer?” “Dr. *Juviz*, estamos na hora...” “Xencor, sê sensato. Vai para o teu sítio, que daqui não saio hoje mesmo que esteja na hora.”

Xencor não se mexeu!

“O quê? Mudo e quedo como um penedo, *ahn?* Vai para o teu sítio, anda!” Tinha à frente o copo quase intacto. Devia tirar-lho? *Não contrariar nem por palavras nem por obras.*

“Não penses que eu estou *in altis, ahn?* Como vês o copo está intacto.”

*De forma alguma me deixes ficar no Clube para além das nove...* uma voz remota?

“Por quem que tu és, sais ou não sais? Vai-te embora! Sou eu que te ordeno Quê? Inda continuas? Não tenho outro remédio. Desde hoje estás despedido! Pensas que estou alterado? Nada! Hoje posso olhar por mim... Se não te vais embora chamo um polícia que te põe na rua. Anda, marcha. Eu regressarei à casa logo. Vai, estás despedido.”

Um conflito na mente do Xencor. Imagens velhas vinham galopando até ele: suspenso do lugar por incúria profissional, mais claramente por desconhecimento das disposições legais e regulamentares demonstrando falta de zelo pelo serviço... Dona a esposa do Delegado, arranjando-lhe aquela ocupação remunerativa... O processo ia ser achado. O astrólogo dissera...

“Vai homem, estás despedido. Desta vez por excesso de zelo, reparaste?” Olhou Xencor com aqueles olhos da cor de papel selado. “Vai-te embora, Xencor, e olha tens aqui três meses de ordenado...”

Xencor, na desordem em que tinha o seu pensamento, pôs entre parênteses este pensamento: “O europeu culto é assim mesmo, nunca humilhando quem já está humilhado.”

“Levas três meses de ordenado e mais dez. Estamos quites, Xencor Alornecar?”

“Obrigado, Dr. *Juviz*”

“Por nada homem! É meu dever, não podes viver de ar...” Engraçado: suspenso por incúria, suspenso por zelo! Ria, alegre e bem-disposto.

“Às ordens, Dr. *Juviz*”

“Vai com Deus, homem.”

Quando descia as escadas ouviu o magistrado repetir: “suspenso por incúria, suspenso por zelo! Aha ha ha...”

As cédulas de cem rupias afagavam a alma conturbada do Xencor, receosa do amanhã? Não tanto assim... Astrólogo batera certo... Vénus estava ajudando... Iria para Podval na manhã seguinte, pagaria a conta do *khanavol*.<sup>13</sup> Vaga-lumes como confetti de luz brincavam no ar. Pegou na mão um que andava suspenso no ar com palpitações de oiro. Lá longe o farol também palpitava luz. Não tão genuína como a do pirilampo... Libertou da mão o pirilampo.

Manhã clara quando Xencor dirigia-se ao embarcadouro para fazer a travessia, ouviu sua própria voz recitar o mantra que o *both* de Podval recitava:

“O Brama, vós sois tudo

Vós criastes, preservastes e destruístes tudo...

Glória ao Sol, Glória a Vénus.

Agni que queime o meu inimigo

Ó Rudra, vós sóis o *Vedas*”

“Pára aí!”

O quê? Alguém falava para ele, Xencor? Sim...

Parou: “É Xencor Alornecar? Trabalha para o Juiz Ochoa?”

“Trabalhava. Estou despedido!”

“*Ahn!*” Agora se compreende tudo... Os polícias sorriam um para o outro. Eram dois. “Venha connosco!” Xencor marchou ladeado por eles. “Para onde me levam?” Depois arrependeu-se da pergunta... Devia evitar confrontações... “Vais ver, Alornecar, vais ver...”

Ora o lugar era tão familiar, casa do juiz. Gralhas zaragateiras faziam um chinfrim na copa da árvore de *neem*. “Margosa Indica” elucidara uma vez o juiz. Que queriam dele? Que retorne ao serviço?

Lá estava a Quitéria de cara carrancuda como uma noite de monção. A ordenança bateu na porta do gabinete do juiz. “Dá licença.” A ordenança libertou-se do biva-

13 “Casa de pasto” ou “restaurante” em concanim.

que, Xencor do *tapi*, o juiz não tolerava aquilo, às suas ordens disse a ordenança e se retirou. Quando o juiz levantou os olhos do calhamaço que tinha à frente... Que estava vendo Xencor? A testa do juiz com uma ligadura de gazes, uns olhitos azul-violeta, não são vulgares entre nós, indianos.

“Aqui d’El-Rei! Lá está ele, Xencor Alornecar...” Largou o calhamaço e pôs os braços no espaldar da cadeira numa atitude de abandono. E quando Xencor viu os pulsos também com gaze e adesivo.

“Porque fizeste aquilo, Xencor?”

Agora os olhos azuis eram doces, compreensivos. “Porquê fizeste aquilo? Atar-me à cadeira com guardanapos do clube e tirar-me o dinheiro? Se querias dinheiro porque não me pediste? Atar-me à cadeira... Devias pedir-me, eu to dava Xencor! E pensar, pensar que a pena de suspensão preventiva está em vias de ser totalmente reparada...” Xencor nadava num caos incoerente que rumava para insanidade.

Ele atara o magistrado à cadeira e lho surripiara o dinheiro? Mas... evite confrontações! Estava ferido na testa e nos pulsos e tinha à frente um calhamaço? A pouco e pouco o calhamaço desapareceu e em seu lugar um copo com um líquido ambrino... O magistrado batendo com os pés no soalho fazendo vibrar o Clube inteiro. O relógio marcando, se calhar 12 horas... Aos bofes, o Barreto, manietando o meritíssimo, enquanto ajudado por Moulá o punham na carruagem. “Não me deixes ficar ali para além das nove, ouviste? É para isso que te pago...”

Xencor pôs a mão na algibeira, queria restituir o dinheiro, tinha a alma num espinheiro ruim. Outra vez o mesmo delito? Falta de zelo ao serviço?

“Doutor, está aqui o dinheiro só menos vinte que...”

“Leva aquilo homem, esquece... Foi *velh*, não foi Xencor?”

“O quê... Doutor?”

“Estou a perguntar-te, foi *vhell* não foi?”

Xencor agora ressuscitado corroborou:

“Foi Dr. *Juviz*... Foi um mau *vhell*...”

Sabem?

O processo do Rane de Mulgão foi achado pelo ‘pirotécnico’<sup>14</sup> Roulú na tralha da papelada que a esposa do delegado tinha deitado fora...

14 Pirotécnico seria uma maneira jocosa de se referir ao criado encarregado de queimar papéis antigos e outro lixo, prática comuníssima em Goa.

## JANELA ABERTA

MARIA ELSA DA ROCHA

Geerza esprou o olhar pelo tecto sujo de folhagem da casa vizinha. Que grande casa!... Não queria olhar do lado do bailéu dela, mas sua vista desceu automática e como que a medo... Não, não estava a velha como de costume, sentinela no poial! Lépidia alcançou a área do vasto tamarindeiro. Confirmou pela centésima vez que detestava a velha da casa grande! De bom grado, ela, Geerza, insuflaria a catraçada do bairro a mil e uma traquinices contra a velha da casa grande! Estendeu sua vista pelo lugarejo... Ninguém! As crianças tinham medo da velha da casa grande. *Shi!* Que ruim velha! Não permitir ninguém apanhar uns dedinhos de tamarindo tombado! *Devá!* Fona que ela era. Às vezes, ao meio-dia, um ventinho decidido perpassando na ramagem imensa de folículos do tamarindeiro fazia cair um e outro fruto. Pois bem, saibam que a velha não deixava apanhar aquilo: vociferava, bracejava, praguejava, e os miúdos corriam em debandada levando no coração um desejo insatisfeito e na língua mais um apetite racionado! Demónio da velha! Depois daquela debandada dos miúdos da escola, a calma voltava para aquele lugar, mas uma calma doentia, triste que saindo do bailéu de pilares altos filtrava-se pela alma do lugarejo, indo morar no bambual perto! Geerza não gostava quando assim acontecia. E acontecia tantas vezes! *Shi*, não se deve praguejar crianças, elas não são a promessa única de um Amanhã melhor? Aquela velha era ruim e por isso ninguém a gramava. Por isso só o pai da Geerza conseguia a custo pessoal para ela; ninguém lhe queria rete-lhar a casa, rachar a lenha, cozer o bate, colher frutos... Ninguém. Ruim velha. Todo o santo dia sentada no poial, minando Deus sabe que saudade, mastigando infortúnios, destilando inveja... Hum, bom para ela, secando sua própria vida! Já na sua casinha, Geerza, afagando alheada o montículo do tamarindo apanhado fazia por adiar outras tarefas caseiras. As suas mãos polpudas queriam brincar com o tamarindo. *Apri!* Havia tanta coisa por fazer. Debruçada sobre a palangana de metal luzidio, seleccionando bagos de arroz cru, Geerza deixou correr liso seu pensamento prisioneiro: *Devá*, que é que dissera um antepassado daquela casa grande de tamarindeiro? Ana, assim: Dizia-se que ele afirmava ser sua ri-

queza tão fabulosamente grande que podia ser que as folhinhas do tamarindeiro viessem a cair todas, mas nunca se esgotaria a sua riqueza! *Devá*, que falso! Um sorriso de escárnio brincou no jovem rosto da Geerza. *Devá!* Era bom que esse antepassado viesse agora ver aquela fabulosa riqueza nas janelas sem carepas, no muro sem portão, no balcão de poiais derrubados... E que lindas casas os hindus haviam construído! Geerza engoliu em seco à visão de uma casa nas alturas de Duler: Ai! O bailéu em forma de enorme cabeça de leão! Aquilo era casa! O futuro é tão incerto! E o que tem de acontecer tem tanta força! Porque avançar farroncas? Não podia ser que o pai de Geerza viesse a ser ministro? Nem por isso alguém lhe ouvira blasonar! E tinha tanta oportunidade para o fazer! Riqueza, riqueza é tão volúvel! Geerza lançou um olhar agradecido ao que considerava sua casinha. Uma brisa suave rasou o pátio embostado mas levou à lisa e morena face da Geerza apenas o agradável aroma de *tulosh*<sup>15</sup> em floreça.

O morno calor da tarde pedia imobilidade embora tarefas urgentes houvesse que realizar dentro, na cozinha.

Ao longe, os altifalantes de um carro fizeram re-ecoar pelas quebradas a voz do locutor da campanha pelo *Opinion Poll*. O *slogan*, a princípio jovem e carregado, ficou cansado de cavalgar oiteiros, mas de repente rompeu no verde do arvoredo, numa berrata cruel que fez assustar cão! Geerza e o cão olharam o verde onde ondulava leve um enorme cartaz de flor.

“Duas folhas, duas folhas, aí é que está a tua escolha.” Era a voz do locutor que o verde poeirento do enorme mangueiral captava em ondas dissonantes. O cão pusera-se a ladrar ferozmente. *Bap ré*<sup>16</sup>, pensou Geerza, tudo andava enervado, até animais! O cão estimulado continuava ladrando histérico ao som impostor, até que a voz caiu apagada e envelhecida e calma voltou.

A tarde punha cortinas de *nylon* cinza e condicionava o ar numa frescura de arecais bem cuidados. Geerza olhou outra vez o cartaz com o símbolo dos *mergeristas*, dos que queriam Goa integrada no Estado de Maharastra. *Devá!* Quem ganharia? Quem sabe! Dois símbolos, flor e duas folhas lutando? Veio-lhe à mente o pai instruindo ostensivamente uma e outra mulher hindu do bairro: “Olhe, ponha o carimbo na flor, percebeu? Flor é que nos há-de tirar da miséria.” Deus! Geerza tinha os tímpanos saturados daquela cantilena. Recapitulando, pensava

15 Basílico ou mangericão sagrado, o *tulsi* (*ocimum sanctum*).

16 ‘Senhor!’.

Geerza: Duas folhas era o símbolo apenas dos Cristãos? Dos que não queriam Goa integrada no Estado vizinho? Mas havia hindus por Duas Folhas? Havia com certeza! Se Geerza até não tinha a certeza se seu pai era pela Flor! Tanta gente andava camuflando.... Sorria divertida. De facto, uma grande confusão... Como que em eco ao seu pensamento, Geerza ouviu uma voz muito sua conhecida, de “Nayar, ó bab Nayar, saia cá p’ra fora, tudo uma grande confusão, Nayar-Bab!”

Geerza viu Babli apear-se da bicicleta e seu pai ir ao seu encontro, apressado, abotoando o *bush-coat*:

“Ptchut!”

“Ptchut porquê? Enjoado, Nayar, sujeira! Nem dá vontade de vir...”

“Ptchut” fez outra vez Nayar, chegando-se a Babli que fazendo pingar suores do seu rosto pelo dedo indicador, procurava também vingar o seu cansaço alterando a voz... “Calma, rapaz!” dizia Nayar, procurando diminuir-lhe o volume da voz.

“Estou desesperado, Nayar! Precisamos de dinheiro! Eles a distribuir saris, sabonetes sei lá que mais, e nós nada?”

Estavam sentados sobre o cômodo que circundava o pátio

“Nayar, você diz que a velha traz a janela aberta?” A uma sugestão do seu pai que Geerza não chegou ouvir, Babli rompeu categórico:

“Nada! Perca esperanças! Pedindo também ela não dá, portanto força, força meu caro...”

*Devá*, Geerza quase que ia deixar cair o prato no chão denunciando assim a sua presença por detrás da porta. O prato tremia-lhe na mão embora ela a apertasse com força de encontro à cinturinha... Deva! Geerza sentia o metal do prato, querendo cortar-lhe a carne. Seria o prato ou mais qualquer coisa?

Uma dor imensa adoentara, adoentara de um momento para outro a sua alma... *Devá*, que loucura atacara aqueles homens? Que iam fazer? Ela tremia toda... A velha era a avó da Lalan! A velha do tamarindo! Lalan, a boa e doce Lalan! Lalan, órfã como ela! Lalan tendo que viver com aquela sórdida velha! Geerza! Elas iam liquidar com a avó da Lalan? Sim, iam liquidar com ela. Quem senão aquela desafortada, continuava a dormir como dantes, com janela aberta? Iam matá-la e iam tirar-lhe à força jóias. Lalan ia ficar sem eira nem beira ... Lalan, a boa e doce Lalan... Geerza chorava baixinho acocorada no cantinho da cozinha. Lalan já crescadinha, sem nada nas mãos nem nas orelhas! Ela, Geerza já tinha seis manilhas em oiro e Lalan nada.... Chorava. Outros chamavam-lhe Lilian, mas

seu pai dissera que aquilo devia ser Lalan. Os cristãos deturpam nomes. Mas eles gostavam tanto da Lalan, todos, incluindo os gêmeos, irmãos de Geerza... A velha era má, mas era a avó da Lalan? Porque seu pai iria permitir que Babli fizesse aquilo? *Devá!* Quando o momento chega, uma pessoa vira-se tão ruim? *Devá* que devia fazer ela, Geerza? Limpou as folhas às costas da mão, contudo, lágrimas escorriam pelo rosto.

A noite nascia no lusco-fusco prateado pondo sobre o pano hialino o recorte de árvores, principalmente da panheira, nua como estranha bailarina de *striptease* aguardando o momento de êxito.

A noite para Geerza era uma Deusa terrível que transformava oiteiros em monstros silenciosos, fazia andar árvores de *vodd*<sup>17</sup> como doidas de cabeleiras desgrenhadas, lançando ao ar, a torto e direito, seu raizame sério de tentáculos carnívoros. Muitos vez sucedera a ela, Geerza, ouvir a noite chorar a esperança fazendo-os moles como alforrecas... Por isso Geerza tinha medo que viesse acontecer aquilo a seu pai. Isso de *Opinion Poll* fazia andar seu pai tanto e regressar à casa tão tarde!

Na casa do tamarindeiro, a velha exalando baforadas de espírito nativo, berava com a neta:

“Abra, sua bruxa, abra essa janela que fechou! Ninguém se afoita a entrar cá. Ninguém! O seu bisavô foi Juiz de Direito. Você sabe o que ele foi? Que são aqueles Freitas fedorentos, vestindo trajes indianos? Que são eles? São uns...” Um bravatão ficou dançando no ar, nauseabundo e obsceno, depois a noite o recolheu por não haver lugar naquele quarto sóbrio de duas marquêsas e um armário.

Lilian, da sua cama, puxou do cobertor e fechou o rosto. Ai! Se *sister* Angélica ouvisse essa linguagem da sua avó... Podia a avó dizer o que dissesse... Nada, Lilian não abriria a janela não abriria não, não era em vão que Geerza...

“Lilú você não ouviu? Abra essa janela!”

“Não abro!”

“O quê? Não abre? Desgraçada, desobedece? Maldita? Desobedece? É isso que lhe ensinam no Convento? Desobedece à sua avó? Jesus, ingrata. Pois eu abrirei.”

O estrondo dos batentes abertos fez tremer Lilian dos pés à cabeça

---

17 Figueira-de-Bengala (*Ficus benghalensis*), também conhecida por Árvores da Gralha em Goa.

“Ah! Que fresquinho, agora vou dormir!”

Pobre Lilian! Um frio escuro certamente mandado pela noite fizera abanar seu cobertor como asa de milhafre roçando franganito isolado.... Teria a noite tomado conta daquele quarto? Sim! Havia peculiar cheiro de fora entrando dentro pela janela aberta, havia medos espreitando Lilian através da janela aberta, havia um ar pesado, irrespirável que marca indelevelmente roubos e crimes... Que fazer? Nada! Lilian nem sentia lágrimas rolando para almofada, lágrimas que minavam de fornalhas de carvão aceso. Não sentia nada, apenas que um dedinho do seu pé ficara fora do cobertor e ela não tinha forças para o trazer dentro. Aliás, de que servia proteger o dedinho? Eles já tinham roubado jóias do armário! Lilian apercebera-se de todas as manobras! Eram dois. Saltaram a janela com tanta ligeireza! Um deles foi junto da cama da avó que estava dormindo profundamente. Matou-a! Lilian suave por todos poros... Ela ouvira o gritinho da avó, como de um grilo não querendo morrer apesar de pisado na frincha duma porta.... Lá se foram todas as jóias! Aquele cinturão de dobrões, aquele dedo de veludo cor de pimenta seca com anéis enfiados, anéis de todos os tamanhos... Ai, tão lindos! Três deles já ajustavam a Lilian, os maiores, ela pensa ... soluçava! Porque ilusões? Não estava ela ouvindo o *sh lô, sh lô*, de alguém concluindo tarefas urgentes? Lágrimas saltando simultâneas escorriam das faces para trás das orelhas. Lilian sentia agora tampões nos ouvidos que cortavam comunicação com o exterior... Jóias da mãe! Jóias da Lilian... Ai, por quê aquela avó fora tão teimosa? Eles não tinham cortado o dedinho que ficara ao relento? Não, qual! Ela, Lilian, estava parálitica? Pessoas há que ficam de susto. Eles não tinham morto a ela? Não! O sangue jorrando da garganta encarquilhada da avó filtrava para Lilian através dos tampões do ouvido um arrepiante e sinistro ruído, um *plop, plop!* Era a vida da avó que se esvaía... De manhãzinha ela teria de berrar pedindo Socorro? Como, Socorro? Indo à janela? Mas como se estava parálitica? Alguém falava? Sim! Já era dia claro! Um feixe de luz entrando pela telha partida mostrava partículas de poeira dançando.... *Apré!* Dia claro! Alguém chamava pela avó? Mas ela estava morta! Era só olhar a cama dela! Lá estava a coberta axadrezada cobrindo seu corpo ensanguentado?

Não, ela não diria a ninguém quem tinha matado sua avó. A ninguém. Nem ao *sarpanche*, nem a polícia nem a ninguém! Geerza e os gêmeos ficariam des-

graçados... Alguém entrava? Sim. “Eu não dizia a si, Kesri? *Baí*<sup>18</sup> passou tão mal a noite. Eu pensei que ela estivesse sonhando alto, mas não estava delirando. Toda a noite passou a delirar e a falar coisas... Calcule, Kesri, a minha aflição... noite cerrada, e sabe como são as coisas agora... sem ninguém, sem criados e *baí* ardendo em febre e falando coisas...”

Uma mão fria cheirando a sabonete caro tacteou as têmporas da Lilian, e Kesri falou categórica: “Não, *badcan*,<sup>19</sup> a *baí* já não tem febre”.

Lilian a custo tentava manter abertas suas pálpebras pegalhentadas... O quê? Tudo normal? Avó viva? Tudo normal. Só o armário escancaradamente aberto e janelas fechadas?

Dona Isaura seguiu sôfrega o olhar da neta. Depois, com um ar miserável de um cão sovado, chegou-se à cama dela, ajeitou-lhe o lençol, tacteou-lhe as têmporas, aliviada murmurou: “Graças a Deus já não tem febre”.

“Sabe, *baí*, o que me sucedeu à noite?”

A um olhar intrigado e cascado da Lilian, D. Isaura prosseguiu: “Senti você falar demais no sono. Estranhei aquilo. Acendi a lamparina a aproximei-me... E você estava dormindo, mas você estava a arder num febrão, a desgraça tinha vindo pela janela que eu abria à noite, pensei Lilú, queria morrer naquele momento a ver você sofrer... Um resfriado que você tinha apanhado pela janela que eu insistira em abrir. Lilú, como a vida é ruim. Eu queria morrer a ver você sofrer... você, meu único bem... você...” D. Isaura limpava lágrimas que toldavam a sua visão. “Depois como sonâmbula corri à janela, como para fechar... Calcule ela estava fechada e o que estava aberto era o armário! Riu fazendo desviar o fio de lágrimas sobre a face riscada de desgostos. Eu não abria a janela, Lilú, eu abria o armário, pensando ter aberto a janela”, riu ainda para disfarçar a comoção. “Depois, depois como maluca corri à cozinha, pisei uma boa quantidade de cebolas e pu-las na sua cabeça escaldante. Aquela manobra não ficou bem feita. Não tão bem como faria a An-Mari, mas ao tempo nós tínhamos tantos serviçais, um batalhão deles... Agora...” Chorava. Lilian teve vontade de beijar aquelas mãos que ainda cheiravam à cebolada, brancas e longas, com veias azuis salientes. Não, não as beijou!

18 Em concanim, algo como “senhorinha”.

19 Feminino do concanim *batecar* (ou, terratenente).

“Se fosse no meu tempo quantos médicos não estariam cá, minha Lilú. O Dr. Wolfango, o Dr. Datura que não clinicava para ninguém apenas para seu bisavô... Deus, como os tempos estão mudados. Fiquei aguardando Kesri para a mandar à casa do Dr. Usgãocar. Ele exactamente hoje veio tão atrasado, diz que ficou entretido a ouvir de como se dera um roubo à noite, na *devalaia*<sup>20</sup> de Mandrém, dizem que limpavam de jóias uma velha Deusa.”

Alguém estava à porta do quarto? Sim, era Geerza... Tão real aquela camara-dagem, era bem nítido nos seus olhos claros e braços. Uma gargalhada uníssona soou no quarto da Lilian... D. Isaura sumiu-se dali... e bispou pela porta: *Shi!* Um desejo de passar uma esponja sobre o Amanhã. Porém, a neta do juiz de Direito nada fez! Sacudindo com força folículos de cebolas que se lhe haviam pegado, à saia, foi ao bailéu ocupar o seu lugar predilecto, no poial, sentinelando o velho e enorme tamarindeiro, abrindo janela ao passado? Quem sabe!

---

20 Templo hindu.